

ABC de

Fernando Pessoa



Ficha Técnica

Copyright © 2015 Joana Mota Amaral e Publicações Dom Quixote

Copyright © 2015 Leya Editora Ltda.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19.2.1998.

É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.

Este livro foi revisado segundo o Novo Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa.

Revisão: Breno Barreto

Adaptação de capa: Leandro Dittz

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Pessoa, Fernando

ABC de Fernando Pessoa : citações em verso e prosa / Fernando Pessoa – São Paulo: Leya, 2015.

ISBN 9788544103432

1. Literatura portuguesa 2. Citações 3. Poesia I. Título

II. Editora LeYa

15-1109 CDD: P869

Todos os direitos reservados à

LEYA EDITORA LTDA.

Av. Angélica, 2318 – 13º andar

01228-200 – São Paulo – SP

www.leya.com.br

Nota do Editor

Estas citações são retiradas das obras de Fernando Pessoa e dos seus heterónimos. As entradas consistem em verbos. Como nem todos foram conjugados pelo poeta, ou, pelo menos, não foram conjugados com a mesma frequência e intensidade, a repartição das citações pelas letras do alfabeto é desigual. Mas, nos dicionários, a repartição das palavras por ordem alfabética também o é.

Copyrighted image

FERNANDO EM PESSOA¹

Nome completo:

FERNANDO ANTÓNIO NOGUEIRA PESSOA.

Idade e naturalidade: Nasceu em Lisboa, freguesia dos Mártires, no prédio n.º 4 do Largo de S. Carlos (hoje do Directório), em 13 de Junho de 1888.

Filiação: Filho legítimo de Joaquim de Seabra Pessoa e de D. Maria Madalena Pinheiro Nogueira. Neto paterno do general Joaquim António de Araújo Pessoa, combatente das campanhas liberais, e de D. Dionísia Seabra; neto materno do conselheiro Luís António Nogueira, jurisconsulto e que foi director-geral do Ministério do Reino, e de D. Madalena Xavier Pinheiro. Ascendência geral: misto de fidalgos e judeus.

Estado: Solteiro.

Profissão: A designação mais própria será “tradutor”, a mais exacta a de “correspondente estrangeiro em casas comerciais”. O ser poeta e escritor não constitui profissão, mas vocação.

Morada: Rua Coelho da Rocha, 16, 1.º Dt.º, Lisboa. (Endereço postal – Caixa Postal 147, Lisboa).

Funções sociais que tem desempenhado: Se por isso se entende cargos públicos, ou funções de destaque, nenhuma.

Obras que tem publicado: A obra está essencialmente dispersa, por enquanto, por várias revistas e publicações ocasionais. O

que, de livros ou folhetos, considera como válido, é o seguinte: “35 Sonnets” (em inglês), 1918; “English Poems I-II” e “English Poems III” (em inglês também), 1922, e o livro “Mensagem”, 1934, premiado pelo Secretariado de Propaganda Nacional, na categoria “Poema”. O folheto “O Interregno”, publicado em 1928, e constituído por uma defesa da Ditadura Militar em Portugal, deve ser considerado como não existente. Há que rever tudo isso e talvez que repudiar muito.

Educação: Em virtude de, falecido seu pai em 1893, sua mãe ter casado, em 1895, em segundas núpcias, com o Comandante João Miguel Rosa, cônsul de Portugal em Durban, Natal, foi ali educado. Ganhou o prémio Rainha Vitória de estilo inglês na Universidade do Cabo da Boa Esperança em 1903, no exame de admissão, aos 15 anos.

Ideologia Política: Considera que o sistema monárquico seria o mais próprio para uma nação organicamente imperial como é Portugal. Considera, ao mesmo tempo, a Monarquia completamente inviável em Portugal. Por isso, a haver um plebiscito entre regimes, votaria, embora com pena, pela República. Conservador do estilo inglês, isto é, liberdade dentro do conservantismo, e absolutamente anti-reaccionário.

Posição religiosa: Cristão gnóstico e portanto inteiramente oposto a todas as Igrejas organizadas, e sobretudo à Igreja de Roma. Fiel, por motivos que mais adiante estão implícitos, à Tradição Secreta do Cristianismo, que tem íntimas relações com a Tradição Secreta em Israel (a Santa Kabbalah) e com a essência oculta da Maçonaria.

Posição iniciática: Iniciado, por comunicação directa de Mestre a Discípulo, nos três graus menores da (aparentemente extinta) Ordem Templária de Portugal.

Posição patriótica: Partidário de um nacionalismo místico, de onde seja abolida toda a infiltração católico-romana, criando-se,

se possível for, um sebastianismo novo, que a substitua espiritualmente, se é que no catolicismo português houve alguma vez espiritualidade. Nacionalista que se guia por este lema: “Tudo pela Humanidade; nada contra a Nação”.

Posição social: Anticomunista e anti-socialista. O mais deduz-se do que vai dito acima.

Resumo de estas últimas considerações: Ter sempre na memória o mártir Jacques de Molay, Grão-Mestre dos Templários, e combater, sempre e em toda a parte, os seus três assassinos – a Ignorância, o Fanatismo e a Tirania.

Lisboa, 30 de março de 1935

Copyrighted image

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'António de Oliveira Gouveia', with a long horizontal flourish underneath.

11 In *Escritos Autobiográficos, Automáticos e de Reflexão Pessoal*, ed. Richard Zenith, Assírio & Alvim, 2003, pp. 203 - 206.

Copyrighted image

ABDICAR.

Abdicar da vida para não abdicar de si próprio.

ABUSAR.

A essência do uso é o abuso.

ACONSELHAR.

Dar bons conselhos é insultar a faculdade de errar que Deus deu aos outros.

ACOSTUMAR-SE é morrer.

ADIAR.

Adia tudo. Nunca se deve fazer hoje o que se pode deixar de fazer também amanhã.

*Depois de amanhã, sim, só depois de amanhã... Levarei amanhã a pensar
em depois de amanhã, E assim será possível; mas hoje não...*

Não, hoje nada; hoje não posso.

A persistência confusa da minha subjectividade objectiva,

O sono da minha vida real, intercalado,

O cansaço antecipado e infinito,

Um cansaço de mundos para apanhar um eléctrico...

Esta espécie de alma...

Só depois de amanhã...

Hoje quero preparar-me,

Quero preparar-me para pensar amanhã no dia seguinte...

Ele é que é decisivo.

Tenho já o plano traçado; mas não, hoje não traço planos...

Amanhã é o dia dos planos.

Amanhã sentar-me-ei à secretária para conquistar o mundo;

Mas só conquistarei o mundo depois de amanhã...

Tenho vontade de chorar,

Tenho vontade de chorar muito de repente, de dentro...

Não, não queiram saber mais nada, é segredo, não digo.

Só depois de amanhã...

Quando era criança o circo de domingo divertia-me toda a semana.

Hoje só me diverte o circo de domingo de toda a semana da minha infância...

Depois de amanhã serei outro,

A minha vida triunfar-se-á,

Todas as minhas qualidades reais de inteligente, lido e prático

Serão convocadas por um edital...

Mas por um edital de amanhã...

Hoje quero dormir, redigirei amanhã...

Por hoje, qual é o espectáculo que me repetiria a infância?

Mesmo para eu comprar os bilhetes amanhã,

Que depois de amanhã é que está bem o espectáculo...

Antes, não...

Depois de amanhã terei a pose pública que amanhã estudarei.

Depois de amanhã serei finalmente o que hoje não posso nunca ser.

Só depois de amanhã...

Tenho sono como o frio de um cão vadio.

Tenho muito sono.

Amanhã te direi as palavras, ou depois de amanhã...

Sim, talvez só depois de amanhã...

O porvir...

Sim, o porvir...

ADMIRAR.

Ninguém se admira a si mesmo, salvo um paranóico com o delírio das grandezas.

Nunca pude admirar um poeta que me foi possível ver.

AFIRMAR é enganar-se na porta.

AGIR.

Faz por agir como os outros e pensar diferentemente deles.

Todo o homem de ação é essencialmente animado e otimista porque quem não sente é feliz.

Agir, eis a inteligência verdadeira. Serei o que quiser. Mas tenho que querer o que for.

Agir é descrer. Pensar é errar. Só sentir é crença e verdade. Nada existe fora das nossas sensações. Por isso, agir é trair os nossos pensamentos.

Agir é não pensar.

Só o primeiro passo é que custa. Mas depois do primeiro passo dado, o segundo é o primeiro depois desse. É bom reparar nisto e não dar passo nenhum... Todos custam.

A acção é uma doença do pensamento, um cancro da imaginação. Agir é exilar-se.

Age como se não houvesse Deus, lembrando-te porém que Ele existe.

AMAR é cansar-se de estar só: é uma cobardia, portanto, e uma traição a nós próprios (importa soberanamente que não amemos).

O amor pede identidade com diferença, o que é impossível já na lógica, quanto mais no mundo. O amor quer possuir, quer tornar

seu o que tem de ficar fora para ele saber que se torna seu e não é. Amar é entregar-se. Quanto maior a entrega, maior o amor. Mas a entrega total entrega também a consciência do outro. O amor maior é por isso a morte, ou o esquecimento, ou a renúncia – os amores todos que são os absurdiandos do amor.

O amor quer a posse, mas não sabe o que é a posse. Se eu não sou meu, como serei teu, ou tu minha? Se não possuo o meu próprio ser, como possuirei um ser alheio? Se sou já diferente daquele de quem sou idêntico, como serei idêntico daquele de quem sou diferente? O amor é um misticismo que quer praticar-se, uma impossibilidade que só é sonhada como devendo ser realizada.

*Prisões, nem de amor as quero,
Não me amem, porque não gosto.*

Nunca amamos ninguém. Amamos, tão-somente, a ideia que fazemos de alguém. É a um conceito nosso – em suma, é a nós mesmos – que amamos. Isso é verdade em toda a escala do amor. No amor sexual buscamos um prazer nosso dado por intermédio de um corpo estranho. No amor diferente do sexual, buscamos um prazer nosso dado por intermédio de uma ideia nossa.

Amor não se conjuga no passado, ou se ama para sempre ou nunca se amou verdadeiramente.

*Amo como o amor ama.
Não sei razão pra amar-te mais que amar-te.
Que queres que te diga mais que te amo,
Se o que quero dizer-te é que te amo?*

O amor é bom, mas é melhor o sono.

Quem dá amor, perde amor.

ANALISAR *é ser estrangeiro.*

APRENDER.

Regra é da vida que podemos, e devemos, aprender com toda a gente. Há coisas da seriedade da vida que podemos aprender com charlatães e bandidos, há filosofias que nos ministram os estúpidos, há lições de firmeza e de lei que vêm no acaso e nos que são do acaso. Tudo está em tudo.

ARGUMENTAR.

Os argumentos são, quase sempre, mais verdadeiros do que os factos. A lógica é o nosso critério de verdade, e é nos argumentos, e não nos factos, que pode haver lógica.

Contra argumentos não há factos.

Copyrighted image

BASTAR.

*Baste a quem baste o que lhe basta
O bastante de lhe bastar!
A vida é breve, a alma é vasta;
Ter é tardar.*

Substitui-te sempre a ti próprio. Tu não és bastante para ti.

BEBER.

Nunca cultives coisas absolutas, como a castidade absoluta ou a sobriedade absoluta: a maior força de vontade é a do homem que gosta de beber e se abstém de beber muito e não a daquele que não bebe de todo.

BUSCAR.

Busco – não encontro. Quero, e não posso.

Tudo quanto buscamos, buscamos-lo por uma ambição, mas essa ambição ou não se atinge, e somos pobres, ou julgamos que a atingimos, e somos loucos ricos.

Copyrighted image

CALAR.

Nunca fales de ti. Guarda ao teu ser o seu segredo. Se o abrires nunca o poderás fechar.

*Mas quem sente muito cala;
Quem quer dizer quanto sente
Fica sem alma, nem fala
Fica só, inteiramente*

CATIVAR.

Tenta cativar por aquilo que o teu silêncio contém.

CHEGAR.

Tudo o que chega, chega sempre por alguma razão...

CHEIRAR.

O olfacto é uma vista estranha, Evoca paisagens sentimentais por um desenhar súbito do inconsciente.

O olfacto é uma vista estranha...

CHORAR.

Penso, muitas vezes, que não são os pensamentos que são demasiado profundos para as lágrimas, mas as lágrimas que são demasiado profundas para o pensamento.

CITAR é ser injusto. Enumerar é esquecer. Não quero esquecer ninguém de que não me lembre.

CLASSIFICAR.

Tudo em nós é fluido e misto. Classificamos para compreender, mas vivemos, na mente como no corpo,

inclassificavelmente.

COEXISTIR.

Colaborar, ligar-se, agir com os outros é um impulso metafisicamente mórbido. A alma que é dada ao indivíduo não deve ser emprestada às suas relações com os outros. O facto divino de existir não deve ser entregue ao facto satânico de coexistir.

COISAR.

O pensamento tem um vício. Cria um neologismo para o descrever – coisar.

COLABORAR, ligar-se, agir com outros, é um impulso metafisicamente mórbido.

Nenhum homem, digno de nome humano, pode concordar ou colaborar com outro homem, excepto em coisas absolutamente inúteis, como as ordens religiosas, os ministérios, o canto coral e as fitas cinematográficas.

COMBATER é não ser capaz de combater-se.

COMPREENDER.

Sentir é compreender. Pensar é errar. Compreender o que outra pessoa pensa é discordar dela. Compreender o que outra pessoa sente é ser ela.

A meio caminho entre a fé e a crítica está a estalagem da razão.

A razão é a fé no que se pode compreender sem fé; mas é uma fé ainda, porque compreender envolve pressupor que há qualquer coisa compreensível.

Cansamo-nos de tudo, excepto de compreender.

Compreender é esquecer de amar.

Ser compreendido é prostituir-se.

Ser compreendido é prostituir-se.

Repudiei sempre que me compreendessem.

*Cada um compreende só o que sente,
E entre alma e alma a estupidez é imensa.*

CONFESSAR.

A mais vil das necessidades – a da confiança, a da confissão. É a necessidade da alma de ser exterior. Confessa, sim; mas confessa o que não sentes. Livra a tua alma, sim, do peso dos teus segredos, dizendo-os, mas ainda bem que os segredos que digas nunca os tenhas tido. Mente a ti próprio antes de dizeres essa verdade. Expressar é sempre errar. Sê consciente: expressar seja, para ti, mentir.

Quem confessa é um débil.

Confessa, sim; mas confessa o que não sentes.

CONFIAR.

Benditos os que não confiam a vida a ninguém.

CONFORMAR-SE.

Conformar-se é submeter-se e vencer é conformar-se, ser vencido. Por isso toda a vitória é uma grosseria. Os vencedores

perdem sempre todas as qualidades de desalento com o presente que os levaram à luta que lhes deu a vitória. Ficam satisfeitos, e satisfeito só pode estar aquele que se conforma, que não tem a mentalidade do vencedor. Vence só quem nunca consegue. Só é forte quem desanima sempre.

CONHECER.

Ninguém conhece outro, e ainda bem que o não conhece, e, se o conhecesse, conheceria nele, ainda que mãe, mulher ou filho, o íntimo, metafísico inimigo.

Ver será sempre a melhor metáfora de conhecer.

Cultura não é ler muito, nem saber muito; é conhecer muito.

CONTINUAR.

Continuar é mais propriamente difícil do que iniciar.

As qualidades para iniciar podem não ser mais do que audácia e convicção. Ora, para continuar, têm de ser, pelo menos, com a mesma convicção, persistência, sabedoria e tenacidade, para não falar em honestidade e cultura. Um acto de força é difícil; mas ninguém negará que um de administração ainda é mais.

CONVIVER *é morrer.*

Os homens são fáceis de afastar. Basta não nos aproximarmos.

CRER *é morrer; pensar é duvidar.*

Crer é não distinguir.

CRIAR.

Viver não é necessário. Necessário é criar.

Copyrighted image

DECIFRAR.

Tenho na vida o interesse de um decifrador de charadas. Paro, decifro e passo adiante.

DEMONSTRAR.

Demonstrar é a forma mais incómoda de crer. Todo o raciocínio começa numa crença no raciocínio e acaba na crença nas conclusões do raciocínio. Raciocinar (Demonstrar) é crer devagar.

DESCONHECER-SE.

Desconhecer-se conscientemente, eis o caminho. E desconhecer-se conscienciosamente é o emprego activo da ironia.

DESEJAR.

O que é doença é desejar com igual intensidade o que é preciso e o que é desejável, e sofrer por não ser perfeito como se se sofresse por não ter pão. O mal romântico é este: querer a lua como se houvesse meio de a obter.

DESPERTAR.

O homem é um animal que desperta, sem que saiba onde nem para quê.

DESPIR-SE.

Por mais que dispamos o que vestimos, nunca chegamos à nudez, pois a nudez é um fenómeno da alma.

DESPREZAR.

Despreza tudo, mas de modo que o desprezar te não incomode. Não te julgues superior ao desprezares. A arte do desprezo nobre está nisso.

Todos temos por onde sermos desprezíveis. Cada um de nós traz

consigo um crime feito ou o crime que a alma lhe pede para fazer.

DISCORDAR.

O único modo de estarmos de acordo com a vida é estarmos em desacordo com nós próprios.

DIZER *uma coisa é conservar-lhe a virtude e tirar-lhe o terror.*

DOER.

*O que me dói não é
O que há no coração
Mas essas coisas lindas
Que nunca existirão...
São as formas sem forma
Que passam sem que a dor
As possa conhecer
Ou as sonhar o amor.
São como se a tristeza
Fosse árvore e, uma a uma,
Caíssem suas folhas
Entre o vestígio e a bruma.*

Não é verdade que a vida seja dolorosa ou que seja doloroso pensar na vida.

DOMINAR.

Há dois processos de dominar ou vencer – captar e subjugar. Captar é o modo gregário de dominar ou vencer; subjugar é o modo antigregário de dominar ou vencer.

DORMIR.